

REPRESENTAÇÕES MITOLÓGICAS E RELIGIOSAS DE DOMICIANO A PARTIR DA NUMISMÁTICA E DA POÉTICA DE ESTÁCIO (81-96)

MYTHOLOGICAL AND RELIGIOUS REPRESENTATIONS OF DOMITIAN THROUGH NUMISMATICS AND THE POETRY OF STATIUS (81-96)

IRLAN DE SOUSA COTRIM¹

RESUMO

Neste artigo analisamos a fabricação de imagens imperiais de Tito Flávio Domiciano (81-96) a partir da aproximação do *Princeps* com figuras divinas e semidivinas. Para tanto, mobilizamos um *corpus* documental que contempla algumas moedas cunhadas em Roma durante os quinze anos do governo de Domiciano, além de trechos de poemas épicos escritos por Públio Papínio Estácio, a *Aquileida* e a *Tebaida*. Defendemos que tais representações propagaram a figura do imperador como dotado de *pietas* para com os deuses e familiares. Nas letras, Estácio comparou Domiciano ao lendário guerreiro Aquiles e deu precedência ao imperador, em termos de virtudes, à história deste, além de ter construído o personagem como *exemplum* de destreza bélica e portador da *pietas*, conceitos basilares no contexto do Principado e por conseguinte, Flaviano.

PALAVRAS-CHAVE: Estácio. Domiciano. Moedas. Deuses. Semideuses.

ABSTRACT

In this article, we analyze the fabrication of the imperial image of Titus Flavius Domitian (81-96) through the *Princeps*' association with divine and semi-divine figures. We employ a *corpus* that includes a set of coins minted in Rome during the fifteen years of Domitian's reign, as well as excerpts from epic poems written by Publius Papinius

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/UFES), sob a orientação de Leni Ribeiro Leite. Desenvolve tese de doutorado intitulada A propaganda de Nerva em moedas e no De Aquaeductu Urbis Romae, de Frontino (96-98). Bolsista Fapes. irlancotrim@gmail.com

Stattius, the *Achilleid* and the *Thebaid*. We argue that such representations propagated the image of the emperor as endowed with *pietas* towards the gods and his family. In literature, Stattius compared Domitian to the legendary warrior Achilles and gave precedence to the emperor in terms of virtues over the story of Achilles, besides constructing the character as an *exemplum* of military prowess and bearer of *pietas*, fundamental concepts in the context of the Principate and, consequently, the Flavian dynasty.

KEYWORDS: Stattius, Domitian, Coins, Gods, Demigods.

INTRODUÇÃO

Tito Flávio Domiciano, o último imperador da dinastia Fláviana (69-96), foi tema dos escritos de muitos autores na Antiguidade romana, contemporâneos ou não ao seu regime. Escritores e poetas como Plínio, o Jovem, Tácito, Suetônio, Juvenal, Estácio e Marcial nos legaram múltiplas facetas daquele imperador. A imagem imperial do sujeito histórico Domiciano esteve e está em constante construção. Cada documento, escrito ou material, exhibe diferentes narrativas que evocam, por sua vez, diferentes aspectos da imagem de Domiciano.

No Principado, a comparação retórica entre as qualidades do *Princeps* e figuras históricas ou mitológicas era comum nas práticas letradas e monetárias. Entendemos as figuras históricas e mitológicas conhecidas por meios literários ou orais que eram tomadas como exemplos (*exempla*) de condutas a serem seguidas. No limite, a função primordial dos *exempla* era a analogia ou as comparações entre dois ou mais elementos dentro do discurso, sendo que o *exemplum* servia como um modelo a ser emulado ou imitado. Para Sêneca (*Ep.* 6.5), por exemplo, essas figuras eram consideradas pessoas vivas com as quais o orador e a sua audiência estavam familiarizados.

Os oradores romanos eram treinados retoricamente para que pudessem ter um amplo repertório de *exempla* para uso em seus discursos públicos. Os oradores poderiam utilizar dos *exempla* como forma de reforço argumentativo. As escolhas de determinados *exempla* feitas pelo orador eram condicionadas pelas expectativas das referências que o seu público receptor possuía. O uso de *exempla* em discursos elogiosos ou de vitupério, portanto, poderia associar uma dada personalidade a determinadas figuras da cosmogonia romana e tornar essas declarações ferramentas

imprescindíveis para a manutenção do prestígio social e político do alvo do louvor ou da censura (URBAN, 2011, p. 217).

É nosso intento neste artigo discutir algumas dessas comparações fabricadas durante o Principado de Domiciano (81-96) nas moedas e nas letras poéticas de Estácio, poeta que escreveu seus versos (*Tebaida*, *Silvas* e *Aquileida*) sob o governo do herdeiro de Tito. Nosso *corpus* documental contempla algumas moedas cunhadas em Roma entre os anos de 81 a 96 e trechos dos poemas épicos de Públio Papínio Estácio, a *Aquileida* e a *Tebaida*. Não nos furtamos, porém, de usar os versos de Estácio provenientes das *Silvas*, um conjunto de poesias de ocasião. Buscamos entender como a associação da imagem de Domiciano com *exempla* de deuses e semideuses do panteão romano contribuiu para a fabricação da imagem daquele *Princeps*.

MAGNÂNIMO EÁCIDA, MAGNO CÉSAR

Ao analisar a *Aquileida* como uma narrativa episódica, Ganiban (2015, p. 75) apontou que logo no próêmio da epopeia Estácio atribui a Aquiles o epíteto de *magnanimus*.² Na visão desse autor, o termo *magnanimus* destacava o estilo elevado condizente com o gênero épico que rememorava o precedente meônio, ou seja, aos poemas homéricos. De fato, ao voltarmos para os textos latinos em versos podemos observar o uso do epíteto *magnanimus* em Catulo para retratar o lendário rei Minos (64.85) “*magnanimus ad Minoa venit sedesque superbas*”,³ Vergílio para caracterizar o herói Enéias (*Aen.* 1.260) “*magnanimus Aenean*”, o deus Júpiter (*Aen.* 12.144) “*magnanimi Iovis*” e para adjetivar heróis ao longo da *Eneida* (6.307; 649) “*magnanimus heroum*” e “*magnanimi heroes*” e Ovídio que nas *Metamorfoses* utilizou do termo para representar Aquiles (*Ov. Met.* 13.298) “*nec se magnanimo maledicere sentit Achilli?*”.⁴

Estácio, porém, utilizou desse epíteto em suas três obras poéticas sobreviventes para qualificar não somente os seus heróis. Há a presença desse epíteto nas *Silvas*, na

² De acordo com o *Oxford Latin Dictionary* o adjetivo *magnanimus* referia-se a nobreza de espírito, à coragem, à ousadia e a generosidade daquele que o portava. Ainda de acordo com o verbete, *magnanimus* era um epíteto convencionalmente atribuído a monarcas e heróis. A palavra deriva da junção dos vocábulos *magnus* e *animus* que significam, respectivamente, grande, alto ou ótimo e alma, espírito, princípio distinto do corpo (GLARE, 1968, p. 1063). O adjetivo latino *magnanimus* possui relação com o termo grego *megathumos* que na *Ilíada* de Homero foi constantemente empregado para qualificar os heróis (*Il.* 20.179-181; 1.135; 6.145; KOZIAK, 2000, p. 54).

³ Tradução de João Ângelo Oliva Neto (1996) “a Minos megalômano e soberbas sedes”.

⁴ Tradução de Domingos Lucas Dias (2017). “sem se aperceber de que está a caluniar o valoroso Aquiles?”.

Tebaida e, como vimos na *Aquileida*, sendo que o termo nas duas primeiras obras foi a temática dos estudos de Barchiesi (1996, p. 49-50). Partimos da prerrogativa que esse autor defendeu em seu estudo, o de que o termo *magnanimus* aparece na poética estaciana muito mais do que uma forma de caracterizar um herói, mas também como forma de homenagear Domiciano, o imperador cuja obra de Estácio foi contemporânea. No final da *Tebaida*, especificamente nos últimos versos do Livro XII, por exemplo, lemos uma menção ao imperador Domiciano feita por Estácio tal como exposta a seguir:

Acaso durarás muito e, sobrevivendo a teu autor, serás lida, ó Tebaida, tão cuidada por mim por duas vezes seis anos? Certamente já a Fama atual fez para ti um caminho benigno e começou a mostrar-te, jovem, aos leitores futuros. **Já o magnânimo César se digna a conhecer-te, e a juventude itálica te aprende em seu estudo e te memoriza.** Vive, eu te peço; mas não provoca a divina Eneida, apenas segue-a de longe e venera sempre seus passos. Em breve, se a ti ainda alguma inveja cobre em mágoa, ela passará, e tuas honras merecidas serão oferecidas após a minha morte.⁵ (Stat. *Theb.* 12.810-819) Grifos nossos.

Aqui, o adjetivo *magnanimus* referiu-se a César, ou seja, a Domiciano. Em outros momentos Estácio refere-se a reis na *Tebaida* com o mesmo adjetivo, o que atesta o seu uso para o elogio à bravura do soberano:

As pugnas dos mais velhos e os vultos terríveis
dos bravos [magnanimus] reis, ali, vou moldar, firmar no alto
domo as armas buscadas que com sangue meu
trouxe – as que da tomada Tebas darás, Palas.⁶
(Stat. *Theb.* 2.732-735) Grifos nossos.

Na *Aquileida* a palavra que abre a épica qualifica Aquiles como um magnânimo eácida, filho do deus Júpiter:

Conta, deusa, **o magnânimo eácida [Aquiles] e a formidável raça**,
pelo Tonante, proibida de subir ao pátrio céu.
Embora as ações do varão sejam muito famosas pelo canto
meônio, mais ainda, porém, está faltando: percorrermos toda a vida do herói
– assim é nosso desejo – e narrarmos com trombeta
duliquia que ele em Ciro se ocultou em véus, e não pararmos em Heitor
arrastado,

⁵ Tradução nossa. *durabisne procul dominoque legere superstes, / o mihi bisse nos multum uigilata per anos / Thebai? iam certe praesens tibi Fama benignum / strauit iter coepitque nouam monstrare futuris. / iam te magnanimus dignatur noscere Caesar, / Itala iam studio discit memoratque iuuentus. / uiue, precor; nec tu diuinam Aeneida tempta, / sed longe sequere et uestigia semper adora. / mox, tibi si quis adhuc praetendit nubila liuor, / occidet, et meriti post me referentur honores.*

⁶ Tradução de Leandro Dorval Cardoso (2018). *hic ego maiorum pugnas uultusque tremendos / magnanimum effingam regum, / figamque superbis / arma tholis, quaeque ipse meo quaesita reuexi / sanguine, quaeque dabis captis, Tritonia, Thebis.*

mas despojarmos de Tróia inteira a juventude.⁷
(Stat. *Achil.* 1.1-7) Grifos nossos.

E o adjetivo *magnus* encerra o proêmio da *Aquileida* no verso final da dedicatória que Estácio faz a Domiciano e estabelece a comparação entre o imperador e o Pelida:

Mas tu, [Domiciano], a quem primeiro as virtudes gregas e itálicas
invejam há muito, em quem os gêmeos louros dos poetas e
dos chefes florescem rivais — já há tempos os primeiros sofreram o abandono
— dá vênica e permite a este temente trabalhar neste
pó por um tempo: é o treino para teu tema, preparo longo e ainda não
confiante.
O grande Aquiles será teu prelúdio.⁸ (Stat. *Achil.* 1. 14-19) Grifos nossos.

O que podemos inferir a partir desses excertos é que Estácio utilizava os mesmos adjetivos para qualificar personagens mitológicos como heróis e reis gregos (Stat. *Theb.* 2.731-735; *Achil.* 1.1-7), para homenagear o imperador (*Theb.* 12. 810-819) e para compará-lo com outros *exempla* (*Achil.* 1.14-19). *Magnanimus* denotava uma qualidade representativa do heroísmo épico, campo literário ao qual Estácio buscava a filiação. Ao retornarmos ao que a retórica epidítica romana aconselhava, o orador poderia amplificar o caráter do alvo de seu elogio por meio do uso de *exempla* provenientes da história ou da mitologia latinas (Men. *Rhet.* 2.368.7-369.6; Quint. *Inst.* 3.7.10-11).

A nosso ver, portanto, ao produzir a dedicatória a Domiciano nas épicas Estácio construiu o elogio imperial por meio da amplificação do caráter do *Princeps* ao empregar um adjetivo heroico. Embora a crítica literária e historiográfica tenha duvidado da sinceridade do encômio nos versos de Estácio ao último imperador flaviano, é plausível supor que a *Tebaida* e a *Aquileida* – esta, se não o foi em razão da prematura morte de seu poeta – ao menos foram projetadas para ser recitadas a uma audiência contemporânea a Domiciano.⁹

⁷ Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista (2021). *Magnanimus Aeaciden formidatamque Tonanti/ progeniem et patrio vetitam succedere caelo, diva, refer. quamquam acta viri multum inclita cantu/ Maeonio (sed plura vacant), nos ire per omnem—/ sic amor est—heroa velis Scyroque latentem/Dulichia proferre tuba nec in Hectore tracto/sistere, sed tota iuvenem deducere Troia.*

⁸ Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista e Leni Ribeiro Leite (2019). *At tu, quem longe primum stupet Itala virtus/Graiaque, cui geminae florent vatumaque ducumaque/certatim laurus—olim dolet altera vinci—,/da veniam ac trepidum patere hoc sudare parumper/pulvere: te longo necdum fidente paratu/ molimur magnusque tibi praeludit Achilles.*

⁹ A poética estaciana de encômio imperial foi vista pela crítica especializada por meio de um duplo prisma antagônico, ou seja, ou tratava-se de uma mera bajulação ou de subversão ao poder do César por meio de um elogio cravejado de ironias (LEITE, 2014, p. 38; NEWLANDS, 2002, p. 18-19; BENKER, 1987, p. 70). As recitações públicas eram as principais formas de divulgação dos textos

Um dos primeiros estudos que temos sobre a aproximação da *Aquileida* como um texto inserido no interdiscurso retórico epidítico foi a tese de Margit Benker (1987). Nela, a autora defendeu que o sistema de patronato e de clientelismo imperial romano praticamente obrigava os escritores a subordinarem-se a seus patronos, os imperadores. A autora ainda apontou que essa subserviência do vate e dos escritores de prosa romanos seria produto de uma sociedade acostumada ao culto imperial excessivo (sobretudo nos Principados de Nero e de Domiciano) sendo a homenagem ao *Princeps* um item obrigatório e esperado pela audiência. Segundo a autora, a *recusatio* que Estácio empregou por duas vezes nos seus épicos conhecidos (*Achil.* 1.17-19; *Theb.* 1.17-21) seria uma forma de crítica velada a um imperador tirano que, como representado por Suetônio (*Dom.* 13.2), se comprazia em ser chamado de *dominus et deus*¹⁰ (BENKER, 1987, p. 70). Benker utilizou em sua tese uma série de escritores romanos posteriores à morte de Domiciano, mas desconsiderou que eles utilizaram de *topoi* retóricos do vitupério para maldizer o filho de Vespasiano (BATISTA; LEITE, 2021, p. 263). Apesar disso, a autora salientou que a *Aquileida* foi um texto escrito durante o governo de Domiciano e que por isso necessitava registrar nos seus versos o reconhecimento daquele Principado.

Na mesma esteira que Benker (1987) outro autor também localizou a *Aquileida* como uma obra que se referia a Domiciano – mesmo que David Konstan (2016) tenha posto em dúvida a lealdade de Estácio para com o imperador. Para esse autor, na *Aquileida* Domiciano foi explicitamente comparado a Aquiles. Os dois primeiros versos do proêmio (*Stat. Achil.* 1.1-2), no entanto, seriam formas veladas de vitupério ao imperador porque se tratariam de uma alusão à predileção de Vespasiano por Tito, que teria afastado Domiciano do poder logo no início da dinastia flaviana.

em prosa e em verso no contexto imperial romano. Podemos conceber a prática da leitura no Império Romano como auditiva, distante do estilo contemporâneo da leitura silenciosa. Assim, pensamos que os textos como a *Tebaida* e a *Aquileida* eram criados como discursos a serem verbalizados em recitações públicas, em encontros privados ou em concursos literários como aqueles promovidos por Domiciano. Entretanto, os poemas poderiam circular por meio material, ou seja, em livros, apesar das recitações serem importantes do ponto de vista da produção e do aprimoramento do texto pelo poeta (LEITE, 2013, p. 85). Segundo Augoustakis (2016, p. 383), as recitações públicas logo se tornaram verdadeiros meios de comunicação entre os escritores e o público. A produção poética perpassava alguns estágios, tais como: a recitação inicial, o envio de cópias preliminares a determinados indivíduos e, por fim, a propagação dos poemas em formato de livro (FANTHAM, 1996, p. 16).

¹⁰ A *recusatio* tratava-se de um expediente poético empregado quando o poeta se recusava a escrever sobre um determinado tema ou em um dado grau elocutivo. Esse expediente ganhou ares políticos no contexto romano (BAPTISTA; LEITE, 2019, p. 123).

A hipótese de Konstan (2016, p. 379) propõe que esses dois primeiros versos do próêmio da *Aquileida* representaram um desafio às pretensões divinas de Domiciano. Aqui identificamos uma fragilidade no argumento do autor, uma vez que ele rememora uma passagem suetoniana que, por sua vez, está inserida na categoria do vitupério da pretensão, conforme defendido por outros autores como Schulz (2019, p. 280) e Baptista e Leite (2021, p. 269-270) posteriormente. Além disso, na visão do autor, os versos sinalizavam que Aquiles nunca alcançaria o pátrio céu, ou seja, o Olimpo, em virtude de uma artimanha de Júpiter que impediu que Tétis engravidasse dele. Mas, no verso final do próêmio que faz parte da dedicatória a Domiciano, a voz do poeta o exaltou como um sucessor épico de Aquiles.

Konstan (2016, p. 382-383) analisou a *Aquileida* como uma alegoria da história de vida de Domiciano antes e depois de se tornar o imperador de Roma. Consideramos essa incursão problemática por alguns motivos. Primeiramente, quando tratamos de um texto ficcional como é o caso da *Aquileida* precisamos compreender que seu objetivo inicial era o de narrar uma história não comprometida com o factual. Em segundo lugar, conforme defendido por Baptista (2019, p. 76), o contexto das práticas letradas latinas no período flaviano esteve muito atrelado aos ideais bélicos e à personificação de virtudes atléticas e militares, como a audácia, a honra, a fama e a glória. Nesse sentido concordamos com Baptista (2019) no que concerne ao fato de o mito representar nesse contexto literário flaviano uma forma para os poetas criarem artisticamente o seu mundo social e contribuírem para a construção de uma identificação coletiva de determinados emblemas do poder esperados pela audiência da época. Assim como Benker (1987), Konstan (2016) sustentou as suas hipóteses nas quais defendeu uma suposta subversão como chave de leitura da *Aquileida*, mas apoiando-se preponderantemente em uma documentação pós-96, inserida em um contexto antonino, de vitupério a Domiciano. A fragilidade do argumento do autor ainda foi realçada por ele próprio, quando classificou toda e qualquer comparação empírica entre uma épica mitológica e a trajetória de vida de Domiciano como impossível, em razão da ausência de um ponto de comparação óbvio (KONSTAN, 2016, p. 378).

Entretanto, conforme já defendido por autores como Barchiesi (1996; 2021) e Baptista (2019), se por um lado o caráter fabular pode nos impedir de equiparar a vida de Domiciano ao breve relato épico de Aquiles, por outro podemos entrever algumas aproximações feitas pelo poeta que sobrepuseram o imperador ao *exemplum* mítico. Esse debate teve início com os estudos de Scott (1933) que identificou nas *Silvas* uma plêiade de elogios à *persona* imperial.

De acordo com o Scott (1933, p. 259), Domiciano foi comparado nas *Silvas* a deuses como Júpiter; a imagem de Minerva que figura como sua patrona também se fez presente; e o *Princeps* ainda foi representado como divino germânico. O último flaviano também foi retratado como sendo o fundador de uma nova era em Roma (*Silv.* 1.1.61-62; 1.4.4; 1.4.46-47; 5.1.37-38; 3.3.64-65; 4.3.128-129; 5.2.170). Além dessas representações nas *Silvas* de Estácio, podemos encontrar momentos nos quais Domiciano foi comparado ou associado a um conjunto de personalidades históricas ou semidivinas ou divinas: ele é maior do que Cúrcio¹¹ (*Silv.* 1.1.75), que Claudio Etrusco (3.3.64; 183-184) além das menções que o poeta fez ao *numen* imperial (*Silv.* 4.3.61-62; 140; 4.4.57; 5.1.164-165; 5.2.154). Na *silva* 1.1 que elogiou a estátua equestre de Domiciano no Fórum,¹² por exemplo, Estácio introduz uma prosopopeia de Marco Cúrcio, que estaria surpreso com o monumento feito em homenagem ao imperador:

A princípio, apavorou-se com o aspecto imenso e o esplendor brilhante do maior cavalo, por três vezes trepidante afundou no tanque seu árduo pescoço, vendo aquele que governa, logo alegrou-se: “Salve, filho e pai dos grandes deuses, divindade conhecida por mim de longe. Agora é feliz, agora é venerável o meu pântano, foi concedido a mim vê-lo perto, ver teu esplendor imortal da minha sede vizinha. Por uma vez, eu fui autor e promotor da salvação romana: com longo Marte, tu, as batalhas de Jove, tu, as lutas do Reno, tu, o sacrilégio civil, tu domas a tardia montanha com pactos. Se meus tempos tivessem gerado-te, eu não iria ousar, tu

¹¹ De acordo com Tito Lívio (6.6), a partir de um relato que se popularizou na Península Itálica no século IV a. C., tratava-se de Marco Cúrcio, um cavaleiro romano que se ofereceu aos inferos para salvar a cidade de Roma ao se jogar com seu cavalo em um fosso localizado no Fórum que ficou conhecido como Lago Cúrcio. O local em que o lago situava-se tornou-se, com o tempo, uma estrutura no meio do Fórum (BAPTISTA, 2021, p. 400).

¹² Foi um monumento erigido sob a ordem senatorial e inaugurado em 91 como forma de homenagear as conquistas militares de Domiciano durante as guerras contra os povos germânicos ao longo da década de 80 e inícios da de 90 (TUCK, 2016, p. 117). Um estudo bastante completo que relacionou a estátua e a poesia de Estácio à imagem pública de Domiciano e ao planejamento urbano de Roma pode ser encontrado em Baptista (2021, p. 312-408).

mergulharias no profundo poço, mas Roma seguraria tuas rédeas”.¹³ (Stat. *Silv.* 1.1.71-83)

Estácio evocou, apesar de não citar explicitamente o nome do herói, Cúrcio como vindo das profundezas para admirar o monumento erigido em honra a Domiciano no Fórum do qual o próprio personagem mítico era tido como um guardião. Dessa forma, por meio do *exemplum* e da prosopopeia de Cúrcio, Estácio pôde alegorizar na *Silva* 1.1 a magnanimidade, a suntuosidade e a enormidade da estátua equestre de Domiciano e, dessa forma, transpor esses predicados para o próprio imperador. Para Baptista (2021, p. 400-401), Estácio utilizou desse *exemplum* mitológico em função do significado dele para a história de Roma e, acrescentamos, como uma forma de exaltação do motivo pelo qual a estátua foi erigida: a celebração da vitória de Domiciano como sinônimo da glória do Império Romano. A prosopopeia de Marco Cúrcio vem colaborar, portanto, com o programa elogioso do poema.

Estácio utilizou, dessa forma, de exemplos míticos e históricos para amplificar e celebrar a magnanimidade de Domiciano. Ao nos debruçarmos sobre a documentação poética estaciana, podemos perceber um constante emprego desse expediente retórico, o da comparação da figura de Domiciano com elementos da história romana, como forma de amplificação da *persona* de imperial. Em nosso entendimento, os exemplos provenientes da poética estaciana nos permitem inferir que Estácio elevou a *persona* imperial aos *exempla* mitológicos e históricos que evocou como meio de comparação. Ainda nas *Silvas*, Estácio comparou e associou Domiciano com outros sujeitos da história de Roma e do campo do sagrado, tais como a Apolo e a César (*Silv.* 5.13-15), a Marte, a Pólux, a Baco (*Silv.* 1.1.18; 3.1.169-179), a Júlio César e a Augusto (*Silv.* 2.7.67; 1.1.84).

Julgamos viável supor que Estácio, por fazer parte do mesmo campo literário que os demais poetas do período flaviano, ao elogiar Domiciano no próêmio da *Aquileida*

¹³ Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista (2021). *ac primum ingentes habitus lucemque coruscant/ expavit maioris equi terque ardua mersit/colla lacu trepidans, laetus mox praeside viso: "salve, magnorum proles genitorque deorum, auditum longe numen mihi! nunc mea felix,/nunc veneranda palus, cum te prope nosse tuumque/immortale iubar vicina sede tueri/concessum. semel auctor ego inventorque salutis/ Romuleae: tu bella lovis, tu proelia Rheni,/tu civile nefas, tu tardum in foedera montem/longo Marte domas. quod si te nostra tulissent/saecula, temptasses me non audente profundo/ire lacu, set Roma tuas tenuisset habenas"*.

utilizou dos expedientes retórico-poéticos da comparação e da amplificação mediante o confronto de *exempla* para celebrar a figura imperial em sua obra. Defendemos que na *Aquileida*, o *exemplum* histórico de Domiciano é mais elevado do que o *exemplum* mitológico representado pelo guerreiro Aquiles em termos de virtudes bélicas e literárias. O herói foi assim o prelúdio do imperador Domiciano o que representava a passagem *magnusque tibi praeludit Achilles* (Stat. *Achil.* 1.19), “o grande Aquiles será teu prelúdio”, em que Estácio revelou ainda estar despreparado para realizar uma obra sobre os feitos do imperador. Essa associação foi além porque Aquiles não foi apenas um *exemplum* para exaltar as qualidades de Domiciano, mas serviu de parâmetro para que dentro da narrativa – quando levamos em consideração o elogio dentro do contexto da épica, ou seja, a história do guerreiro Aquiles – o *Princeps* superasse o personagem em termos de virtudes.

Entendemos a épica mitológica como um produto cultural de sua época de produção que, apesar de ter tratado do ficcional, continha os elementos e os conceitos de seu momento de criação. A poesia mitológica foi uma forma de monumentalização do poder e de propagação de ideias e representações políticas condizentes ao período flaviano. Como defendeu Barchiesi (2021, p. 66) a temática da Guerra de Troia que a *Aquileida* possui representava o significado que os romanos atribuíam ao bélico, qual seja, o de unificação, de conquista. Além disso, a Guerra de Troia figurou como uma alegoria que preludiava o Império Romano, haja vista que, de acordo com o mito, foi após o ataque grego à cidade troiana que Enéias e os troianos fugiram e navegaram até o Lácio. O prelúdio em nosso entendimento, portanto, configurava uma Roma que seria governada por alguém maior do que o mito que originou a fuga dos troianos, aquele que era maior do que Aquiles, Domiciano.

A PIETAS FAMILIAR E DIVINA

O exercício da *pietas* também apareceu nas descrições que Estácio fez sobre as ações de Domiciano.¹⁴ O imperador apareceu como aquele que assegurava a paz para os

¹⁴ A *pietas* pode ser definida como a reverência e a devoção que o indivíduo detinha para com os familiares e para com os deuses. A devida observância para com os deuses, mediada pelo correto proceder nos ritos, garantia o equilíbrio entre o mundo dos humanos e o dos deuses, a *pax deorum* (Virg. *Aen.* 5.546).

romanos por meio das campanhas militares, mas ainda cultivava uma docilidade com a qual agraciava seus súditos. As *Silvas* foram os poemas nos quais o imperador personificou a imagem de guerreiro e de propagador da paz, defensor perpétuo do Império Romano e governante justo, como vemos no excerto abaixo:

Agora, deixe que se impressione a fama primeira do cavalo dardânio – muito conhecido em tempos passados –, que encolheu os sagrados cumes de Dídimo e Ida pelas árvores cortadas: nem esta estátua conteria Pérgamo da muralha despedaçada, nem os meninos misturados na multidão e as virgens meninas, nem o próprio Enéias, nem o grande Heitor a poderiam conduzir. Tu adicionas e, enquanto aquele nocivo cavalo escondeu os cruéis aqueus, isto recomenda o dócil cavaleiro: agrada olhar o rosto que mistura os sinais da guerra, carregado de tranquila paz.¹⁵ (Stat. *Silv.* 1.1.7-16)

Nesse excerto observamos que Domiciano foi tratado como um governante pacificador. A guerra e as contendas dentro e fora de Roma desapareceriam porque Domiciano, máxima expressão da *pietas*, figuraria como o restituidor da paz. O imperador ainda apareceria como o protetor supremo do Império Romano porque, de acordo com Criado (2015, p. 297), ele guardava consigo a sua espada embainhada (Stat. *Silv.* 1.1.43-54), mas pronta para ser usada na defesa dos interesses dos romanos. A estátua equestre de Domiciano, materialização do elogio à destreza militar do imperador, como vimos anteriormente, estampou moedas durante o seu Principado, como no exemplar abaixo:

¹⁵ Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista (2021). *Nunc age fama prior notum per saecula nomen/ Dardanii miretur equi, cui uertice sacro/Dindymon et caesis decreuit frondibus Ide:/hunc neque discissis cepissent Pergama muris/nec grege permixto pueri innuptaeque puellae/ipse nec Aeneas nec magnus duceret Hector./adde quod ille nocens saeuosque amplexus Achiuos,/hunc mitis commendat eques: iuuat ora tueri/mixta notis belli placidamque gerentia pacem.*



Figura 1 – Sestércio cunhado em Roma entre 95 e 96 sob autoridade de Domiciano. Anverso: o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrições: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVGVSTVS] GERM[ANICVS] COS XVII CENS[OR] PER[PERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*, Reverso: estátua equestre de Domiciano inaugurada em 91. Domiciano está montado no cavalo com sua mão direita erguida para frente. Abaixo a inscrição *SC* ou *SENATUS CONSULTUM*. RIC II *Domitian* 797. Fonte: British Museum. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1978-1021-5. Acesso em 02 Mai. 2024.

Podemos perceber nessa moeda as titulações que Domiciano portava entre os anos de 95 e 96, portanto, nos últimos anos de seu Principado. No anverso, a efígie de Domiciano encontrava-se laureada e voltada para a direita, além de estar circundada pela inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Cônsul pela 17ª vez, Censor Perpétuo e Pai da Pátria”. O título de Germânico celebrava a vitória de Domiciano como comandante das forças do exército romano que subjugaram os inimigos durante as campanhas nos anos 80 e 90. No reverso temos a representação da estátua equestre de Domiciano na qual o imperador aparecia montado a cavalo e com o braço direito erguido para a frente. A chancela senatorial aparece na inscrição *SC* o que nos revela que a cunhagem foi autorizada pelos senadores.

A partir do pressuposto de que a imagem do soberano está sempre em constante revisão e é diretamente proporcional aos eventos emblemáticos que acontecem sob seu governo, além do fato da variável da emulação com personalidades ilustres da história como inspiração, como apontaram Burke (2009, p. 13-14) e Gonçalves (2013, p. 12), a estátua equestre de Domiciano representava a transmissão dos valores acima explicitados. Personalidades como Júlio César e Alexandre, o Grande também tiveram o seu poder monumentalizado na forma de estátuas e o próprio Estácio nas *Silvas* rivalizou a de Domiciano com as dos generais, (Stat. *Silv.* 1.1.17-21; 89).

A localização da estátua equestre em termos de historiografia causa dissenso entre os especialistas. Segundo Estácio (*Silv.* 1.1.22-31), ela estaria centralizada na praça do Fórum, nas imediações do Lago Cúrcio. A estátua estaria cercada de templos religiosos como o Templo do Divino Júlio e a Basílica Júlia logo à direita e à esquerda estaria a Basílica Emília. Logo atrás da estátua havia algumas edificações sagradas, quais sejam, o Templo da Concórdia e o do Divino Vespasiano, o Templo de Vesta e do Comício das Vestais além do Templo de Castor e Pólux. O rosto da estátua fitaria o horizonte em direção sudeste, especificamente a Domus Flávia localizada no Palatino, além do Templo de Vênus Genetrix e o Fórum Júlio (BAPTISTA, 2021, p. 321). Independente da veracidade ou inveracidade da geografia versificada por Estácio, o fato é que essas referências endossam o argumento de que a estátua equestre de Domiciano refletiria o desejo de propagação e de monumentalização da imagem do imperador como alguém vitorioso na guerra e como aquele que traria a paz para os romanos, inspirado pelos ancestrais divinizados e dos próprios deuses.

Podemos compreender, portanto, que a propagação de um emblema tão característico como uma estátua equestre em moedas representou a vontade do governo de Domiciano em fabricar uma imagem para o imperador na qual ele figurasse como sendo o restituidor da paz, o defensor da cidade e o general vitorioso cuja força motriz de seu sucesso fosse proveniente da presença constante dos deuses, a *pietas* (Men. Rhet. 372.5-375.4). A moeda, o poema e a estátua, três suportes diferentes, performavam o poder do imperador, a sua magnanimidade e a glória do Império Romano.

Na visão de Criado (2015, p. 297), quando comparou a *pietas* de Domiciano nas *Silvas* e aquela associada ao personagem Teseu na *Tebaida*, o *Princeps* não teve a sua imagem fabricada na poesia estaciana tão distante da construída pelo vate para o líder ateniense. Teseu aparece como sendo um líder justo cuja ira seria despertada pela inobservância dos tebanos para com a *pietas*, ou seja, a *impietas* (Stat. *Theb.* 12.589). O próprio elemento bélico teria uma conotação em que se daria menor ênfase às suas perdas e maior destaque às suas motivações. Para a autora, a guerra foi tratada na *Tebaida* como sendo um mal para todos os lados, tanto para os atenienses quanto para

os tebanos, mas o senso de urgência em se alcançar a paz e o restabelecimento da lei tornaria o conflito justo (Stat. *Theb.* 12.165-166; 590-591; 642-648; 782-783). A autora terminou a sua análise defendendo que a caracterização de Teseu na *Tebaida* refletiu a ideologia da guerra romana em que o bélico seria um remédio bastante amargo e um ato político controverso, mas também uma via importante para que o pacifismo fosse restabelecido. Lucano (9.20-30; 90-214; 256-283; 292-293; 385; 560-561) teria reconhecido no seu épico sobre as guerras civis republicanas que o elemento bélico seria parte intrínseca do restabelecimento da ordem (CRIADO, 2015, p. 297).

A partir desses exemplos dados ao longo das últimas páginas, podemos concluir que a *pietas* foi uma noção fortemente utilizada por Estácio na construção do caráter dos seus personagens, bem como serviu como mote para a fabricação da imagem imperial de Domiciano. Acreditamos que o mesmo processo figurou na *Aquileida* e que o personagem Aquiles foi construído com base na *pietas* familiar e divina ao aceitar a farsa montada por sua mãe, Tétis que também era uma deusa. Com isso, podemos defender que a *pietas* foi uma noção que caracterizou as ações do imperador e poderia ser um dos atributos esperados de sua pessoa e, por causa disso, foi também um valor cultivado no Império Romano flaviano no geral e no Principado de Domiciano em particular.

A *pietas* familiar também foi explorada nas amoedações produzidas durante o Principado de Domiciano. O filho do imperador Domiciano – embora tenhamos poucas informações históricas acerca do herdeiro – aparece em cunhagens fabricadas durante os anos 80. De fato, o primogênito de Domiciano nasceu no ano de 73, mas teria falecido antes de completar os dez anos de idade, em 82 (Suet. *Dom.* 3.1; Mart. 4.3; JONES, 1992, p. 37). O herdeiro, sem nome conhecido na historiografia e deificado após a sua morte, foi constantemente representado nas cunhagens de Domiciano.



Figura 2 – Áureo cunhado em Roma, sob autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto de Domícia drapeado e voltado para a direita, com os cabelos presos em trança e cacheados na frente. Inscrição: *DOMITIA AVGVSTA IMP[ERATOR]I DOMIT[IANI]*. Reverso: Filho de Domiciano ainda bebê no globo rodeado por sete estrelas. Inscrição: *DIVVS CAESAR IMP[ERATORIS] DOMITIANI F[ILIVS]*. RIC II *Domitian* 152. Fonte: Bibliothèque nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b104476711>. Acesso em 02 Mai. 2024.

O anverso dessa moeda apresenta a imperatriz Domícia Longina com os cabelos amarrados em trança e com o penteado característico das mulheres Flavianas, conforme dissemos anteriormente. A inscrição enfatiza a posição da mulher como consorte e mãe do herdeiro de Domiciano, “Domícia Augusta, (esposa) do imperador Domiciano”. No reverso temos a inscrição “Divino César, filho do imperador Domiciano” que rodeia a imagem de um bebê em cima de um globo rodeado por sete estrelas. As sete estrelas na cunhagem romana antiga representavam a distinção das figuras das personalidades nas moedas. Distinguiam, por exemplo, os filhos dos imperadores assim como quando o herdeiro falecia (STEVENSON, 1889, p. 746). As sete estrelas representavam, no caso do herdeiro morto, que seu espírito foi recebido pelos deuses e colocado entre as estrelas. Temos, portanto, uma homenagem feita ao herdeiro de Domiciano que faleceu precocemente no ano de 82, mas que politicamente, serviu para transmitir a mensagem de que o jovem fora deificado e que, além de filho de deuses, o último flaviano também gerou uma deidade. Observamos nessa moeda a subcategoria da estirpe como forma de elogio a Domiciano que aparece como sendo pai de um deus, conforme o estabelecido na *Retórica a Herênio* (*Ad Her.* 3.6). O elemento patético nos parece presente nessa imagem, visto que a *pietas* foi explorada como forma de veicular a imagem de Domiciano como pai de um deus, seu filho falecido.

Vemos que a moeda propagava a íntima relação que a *domus Flavia* tinha com o plano do sagrado por meio da deificação de seus entes falecidos, nesse caso, Tito, novamente nos remetendo às relações de parentesco que elevariam a estirpe da *gens flaviana*.



Figura 3 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto do Divino Tito à direita. Inscrição: *DIVVS TITVS AVGVSTVS*. Reverso: Busto de Júlia drapeado à direita. Seus cabelos estão enrolados na frente e presos em coque. Inscrição: *IVLIA AVGVSTA DIVI TITI FILIA*. RIC II *Domitian* 147. Fonte: Bibliothèque nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10447675t>. Acesso em 02 Mai. 2024.

Na segunda moeda vemos a representação do Divino Tito, no anverso, em que seu busto aparece à direita e com sua cabeça adornada com um diadema. A inscrição que aparece “Divino Tito Augusto” representa a deificação de Tito sob o Principado de Domiciano. Além disso Domiciano converteu em templo a casa em que ele próprio nasceu em 51, o Templo da Gente Flávia (Stat. *Silv.* 5.1.240-241; JONES, 1992, p. 162). Anos mais tarde a própria Júlia também seria deificada após a sua morte e sua imagem seria cunhada em moedas de ouro ainda sob a autoridade de Domiciano (RIC II *Domitian* 683). A moeda acima representa a incursão de Domiciano em apresentar-se não apenas como imperador zeloso com o divino, mas também envolto a outras personalidades de sua família deificadas. A construção, portanto, poderia propagar a mística divina que envolvia Domiciano, como sendo aquele que descendia do divino. Por fim, vale ressaltar que Vespasiano e Domitila, os pais de Domiciano, foram deificados postumamente e apresentados em conjunto nas moedas do último flaviano, como no exemplo a seguir.



Figura 4 – Áureo cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto de Vespasiano laureado e voltado à direita. Inscrição: *DIVVS AVGVSTVS VESPASIANVS*. Reverso: Busto da Divina Domitila, drapeado, à direita; cabelo em trança longa. Inscrição: *DIVA DOMITILLA AVGVSTA*. RIC II *Domitian* 146. Fonte: Bibliothèque nationale de France. Disponível: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10447674c>. Acesso em 02 Mai. 2024.

Nessa peça temos o busto do Divino Vespasiano, laureado e voltado para a direita envolto pela inscrição “Divino Augusto Vespasiano”. No reverso, por sua vez, vemos o busto drapeado da Divina Domitila, esposa de Vespasiano e mãe de seus filhos. A imagem é circundada pela inscrição “Divina Domitila Augusta”. Flávia Domitila, uma liberta latina, era filha de Flávio Liberal e casou-se com Vespasiano na década de 30. A historiografia nos relata que o casamento com Domitila teria sido muito vantajoso para Vespasiano, uma vez que a herança de Flávio Liberal teria sido deixada para a filha. Conforme dissertamos no Primeiro Capítulo, com Vespasiano Domitila teve três filhos, respectivamente, Tito, Flávia Domitila e Domiciano (LEVICK, 1999, p. 13).

Domitila, no entanto, morreu antes da ascensão de Vespasiano ao Principado (antes de 69); por sua vez, Vespasiano faleceu em 79. Sob Domiciano ambos foram deificados (JONES, 1992, p. 162). Em nosso entendimento, portanto, ao deificar sua família Domiciano buscou edificar uma imagem sublime para a sua dinastia e simultaneamente, situar-se o mais próximo do campo do sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto no decorrer deste artigo, Estácio representou Domiciano como um exemplo histórico maior que o modelo mitológico proveniente de Aquiles. A história que norteou a estaciana, todavia, não ficou restrita ao elogio imperial, mas à propagação do

ideal da *pietas*, o qual, em nosso entendimento, representou parte das características visadas pela aristocracia romana, que tinha acesso principalmente às letras. Apesar de se tratar de épicos de assuntos helênicos, buscamos defender que a *Aquileida* e a *Tebaida* foram embebidas pelo seu contexto de produção, qual seja, o período flaviano. Defendemos, portanto, que as epopeias foram produtos culturais de suas épocas e que os conteúdos correspondiam aos anseios e às aspirações de uma audiência romana imperial.

Desse modo, Domiciano foi representado nas letras e nas cunhagens produzidas sob seu Principado como um governante dotado de *pietas* familiar e divina. Essas representações monetárias buscaram apresentá-lo como um imperador que reverenciava seus antepassados históricos, tais como Otávio Augusto, Vespasiano, Tito e seu filho falecido, sendo os dois últimos deificados durante o Principado de Domiciano. Ele figurou, portanto, como filho, irmão e pai de deuses, herdeiro de uma história cuja matéria militar e hereditariedade formaram a tônica da propaganda da dinastia flaviana.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

Documentação escrita

ESTACIO. *Silvas*. Traducción de Francisco Torrent Rodríguez. Madrid: Gredos, 2008.

ESTÁCIO. *Tebaida*. In: CARDOSO, Leandro Dorval. *A Tebaida, de Públio Papínio Estácio*: introdução, tradução e comentários (cantos I-V). 2018. 3 tomos. Tese (Douorado em Estudos Clássicos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Clássicos, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2018.

STACE. *Achilléide*. Texte établi et traduit par Jean Méheust. Paris: Société D’Édition Les Belle Lettres, 1971.

STATIUS. *Silvae*. Translated by D.R. Shackleton Bailey. Cambridge, London: Harvard University, 2003.

STATIUS. *Thebaid*. Translated by J. H. Mozley. London: Loeb Classical Library, 1928.

Documentação numismática

CRAWFORD, Michael. *Roman Republican Coinage*. vol. 1. Cambridge: Cambridge University, 1974.

MATTINGLY, Harold; SYDENHAM, Edward Allen. *The Roman Imperial coinage: Vespasian to Hadrian*. Volume II. London: Spink and Sons, 1926.

ONLINE COINS OF THE ROMAN EMPIRE. Disponível em <http://numismatics.org/ocre/>. Acesso em 29 de Dez. 2021.

Obras da Antiguidade

ANÔNIMO. *Retórica a Herênio*. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Ebooks Brasil, 2009.

LIVY. *Ab Urbe Condita*. Cambridge: Harvard University Press, 1940.

MARCIAL. Epigramas. In: CAIROLI, Fábio Paifer. *Marcial Brasileiro*. (Tese) Doutorado em Letras Clássicas. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

MENANDRO EL RÉTOR. *Dos tratados de retórica epiditica*. Traducción y notas de Manuel García y Joaquín Gutiérrez Calderón. Madrid: Gredos, 1996.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo, Editora 34, 2017.

QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Unicamp, 2015.

SÊNECA. *Epístolas morais a Lucílio*. Tradução de Sérgio Maciel. Disponível chaodafeira.com/catalogo/caderno83/. Acesso em 21 Abr. 2024.

SUETÔNIO. *A vida dos doze césaes*. Livro VIII. Os flávios. Tradução de José Luís Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Ebooks Brasil, 2005.

Obras gerais

AUGOUSTAKIS, Antony. Literary culture. In: ZISSOS, Andrew (ed). *A companion to the Flavian Age of Imperial Rome*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira. Corpo heroico, ideal flaviano: uma leitura da Argonáutica de Valério Flaco. *ArtCultura*, Uberlândia, n. 38, v. 21, p. 73-89, 2019.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira. *Erigindo Germânico: Domiciano e seu programa construtor em Roma a partir da retórica laudatória de Estácio (81-96)*. 2021. 854f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2021.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira; LEITE, Leni Ribeiro. Recusatio e encômio a Domiciano nos proêmios épicos de Estácio. *Ágora*. Aveiro, n. 21, p. 117-135, 2019.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira; LEITE, Leni Ribeiro. Revisiting Domitian: Epideictic Portraits of a Controversial Emperor. In: DEVILLERS, Olivier; SEBASTIANI, Breno Battistin (éd.) *Sources et modèles des historiens anciens*. Bordeaux: Ausonius, 2021.

BARCHIESI, Alessandro. La guerra di Troia non avrà luogo: il proemio dell’Achilleide di Stazio. In: MUNZI, Luigi (org). *Forme della parodia, parodia delle forme nel mondo greco e latino*. Napoli: Cangiano Grafica Napoli, 1996.

BARCHIESI, Alessandro. Rege sub uno: on the politics of Statius’ Achilleid. In: MARSHALL, C. W. (ed). *Studies in Latin poetry and its reception: Essays for Susanna Braund*. London: Routledge, 2021.

BENKER, Margit. *Achill und Domitian: Herrscherkritik in der “Achilleis” des Statius*. 1987. 178f. Dissertation (Dokortitel in Sprach und Literaturwissenschaften) Friedrich Alexander Universität. Nurnberg, 1987.

- BURKE, Peter. *A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV.* Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CRIADO, Cecilia. The constitutional status of Euripidean and Statian Theseus: some aspects of the criticism of Absolute power in the Thebaid. In: DOMINIK, William; NEWLANDS, Carole; GERVAIS, Kyle (eds). *Brill's Companion to Statius*. Leiden: Brill, 2015.
- FANTHAM, Elaine. *Roman literary culture from Cicero to Apuleius*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
- GANIBAN, Randall. The beginnings of the Achilleid. In: NEWLANDS, Carole; GERVAIS, Kyle; DOMINIK, William (eds). *Brill's Companion to Statius*. Boston: Brill, 2015.
- GLARE, Paul. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos. O caso dos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- JONES, Brian. *The emperor Domitian*. London: Routledge, 1992.
- KONSTAN, David. Doubting Domitian's Divinity: Statius Achilleid 1.1–2. In: MITSIS, Phillip; ZIOGAS, Ioannis (eds). *Wordplay and powerplay in latin poetry*. Boston: De Gruyter, 2016.
- KOZIAK, Barbara. *Retrieving political emotion: thumos, Aristotle, and Gender*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.
- LEITE, Leni Ribeiro. Arquitetura de uma nova poética: Estácio, Silvae, 3.1. *Phaos*, Campinas, v. 12, p. 29-44, 2014.
- LEITE, Leni Ribeiro. Difusão e recepção das obras literárias em Roma. In: SILVA, Gilvan Ventura; LEITE, Leni Ribeiro (orgs). *As múltiplas faces do discurso em Roma. Textos, inscrições, imagens*. Vitória: Edufes, 2013.
- LEVICK, Barbara. *Vespasian*. London: Routledge, 1999.

NEWLANDS, Carole. *Statius' Silvae and the Poetics of Empire*. Cambridge: Cambridge, 2002.

SCHULZ, Verena. *Deconstructing Imperial Representation: Tacitus, Cassius Dio, and Suetonius on Nero and Domitian*. London: Brill, 2019.

SCOTT, Kenneth. Statius' adulation to Domitian. *The American Journal of Philology*, Baltimore, n. 3, v. 54, p. 247-259, 1933.

STEVENSON, Seth William. *Dictionary of Roman Coins*. London: G. Bell and Sons, 1889.

TUCK, Steven. Imperial image-Making. In: ZISSOS, Andrew (ed). *A companion to the Flavian Age of Imperial Rome*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

URBAN, David. *The use of exempla from Cicero to Pliny the Younger*. 230 f. 2011.

Dissertation (Doctorate in Philosophy). University of Pennsylvania. Philadelphia, 2011.